

IDENTIDADE E DECOLONIALIDADE EM *QUARTO DE DESPEJO*

IDENTITY AND DECOLONIALITY IN THE *DUMP*
ROOM

Valdivina Telia Rosa de Melian

Doutora em Letras pela Universidade Federal do Tocantins
- Brasil.

E-mail: valdivinatelia@gmail.com

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-3334-497X>

Andreia Dias

Doutora em Letras pela Universidade Federal do Tocantins
- Brasil. É professora de Língua Portuguesa e Inglesa do
Ensino Fundamental e Médio pela Secretaria de Educação
e Cultura do Tocantins - Brasil.

E-mail: andriacarmo@professor.to.gov.br

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0001-7627-4911>

RESUMO: Neste trabalho apresentamos algumas reflexões a respeito da importância do pensamento decolonial para a construção da identidade do sujeito. Com esse objetivo, explanamos alguns pressupostos teóricos que versam, principalmente sobre a Decolonialidade do poder, do ser e do saber. Nessa esteira, mostramos alguns conceitos sobre a Colonialidade, a Modernidade, a Transmodernidade e as suas implicações nas relações sociais entre sujeitos em distintas configurações, tais como: de classes, de gêneros e de etnias. Além disso, buscamos mostrar formas de como o pensamento decolonial reverbera no modo como se dá a formação da identidade de sujeitos críticos. Assim, com o intuito de melhor demonstrar esse cenário no contexto brasileiro, trouxemos algumas reflexões sobre o Romance autobiográfico *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, de Carolina Maria de Jesus, no qual a autora recorre à leitura e à escrita para sobreviver à sua realidade, recorrendo a memórias e ao misto de sentimentos que a ajudam a apresentar diversos episódios da sua vida. Pelo romance supracitado foi possível exemplificar, a partir da história de vida de apenas uma personagem, realidades brasileiras existentes sobre a população negra, feminina, mãe e de classe baixa, frente aos mecanismos políticos, econômicos e educacionais unilaterais, que estão direcionados a favorecerem apenas um grupo privilegiado da sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: Colonialidade do poder; Decolonialidade; Identidade.

ABSTRACT: In this paper, we present some reflections on the importance of decolonial thinking for the construction of the subject's identity. With this objective, we explain some theoretical assumptions that deal mainly with the Decoloniality of power, being and knowledge. In this vein, we show some concepts about Coloniality, Modernity, Transmodernity and their implications in the social relations between subjects in different configurations, such as: classes, genders and ethnicities. In addition, we seek to show ways in which decolonial thinking reverberates in the way in which the identity of critical subjects is formed. Thus, in order to better demonstrate this scenario in the Brazilian context, we bring some reflections on the autobiographical novel *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, by Carolina Maria de Jesus, in which the author resorts to reading and writing to survive her reality, resorting to memories and the mix of feelings that help her to present various episodes of her life.

Through the aforementioned novel, it was possible to exemplify, based on the life story of just one character, existing Brazilian realities regarding the black, female, mother and lower class population, in the face of unilateral political, economic and educational mechanisms, which are aimed at favoring only a privileged group in society.

KEYWORDS: Coloniality of power; Decoloniality; Identity.

1 Considerações introdutórias

A Decolonialidade é uma teoria que, além das estruturas políticas e econômicas, representa uma superação dos valores culturais hegemônicos como o preconceito racial e outras formas de dominações oriundas do pensamento colonial. De acordo com Mignolo (2019, p. 22) a colonialidade do pensamento e da ação libertadora foi provocada desde a apresentação da “Nueva crónica” de Guamán Poma, passando pelo tratado político de Gandhi, depois por estudos pós-coloniais. Porém, de acordo com Castro-Gómez e Grosfoguel (2007), a teoria do pensamento da Decolonialidade surgiu a partir de estudos desenvolvido pelo grupo Modernidad/ Colonialidad em 1998.

A Colonialidade do Poder representa a colonização do imaginário. Ela é subjetiva, pois contempla a crença na ideia de raça, é uma colonização que ultrapassa as fronteiras políticas e econômicas. Dessa forma, a Decolonialidade representa uma forma de pensar questionadora, que não se conforma com respostas prontas e acabadas fundadas em um pensamento eurocêntrico e binário desenvolvidos na Modernidade. Assim, a Decolonialidade simboliza a superação das

opressões, das explorações geradas pelas estruturas de poder do colonialismo engendrada no eurocentrismo e que reverberam nos próprios sujeitos colonizados.

A Modernidade e a Colonialidade deram origem a novos espaços que antes nem mesmo sabiam que existiam, como por exemplo, os espaços América e Europa, e conceitos classificatórios para as pessoas como, por exemplo, negros, amarelos e indígenas. Na Modernidade o racismo foi desenvolvido para subalternizar o outro. Por isso, a Modernidade vista como idade da emancipação, do desenvolvimento e do iluminismo foi um mito, pois traz, camuflado em seu discurso, a dominação e a exploração do outro, esse outro que foi subalternizado, que foi encoberto, negado e desumanizado (Dussel, 1994).

Ainda que a modernidade europeia possa representar um estado de emancipação, de desenvolvimento econômico, político e científico, há a face que representa um retrocesso. Segundo Mignolo (2010), a colonialidade é a face escura da modernidade, uma vez que o desenvolvimento produzido decorrente da modernidade foi às custas de dominação e exploração do outro. Segundo Césaire (2006), a “Europa es indefendible” porque em nome da “civilização” praticou as maiores atrocidades com os povos conquistados, pois a colonização desumaniza o ser humano. De acordo Césaire (2006, p. 19), “el colonizador, al habituarse a ver en el otro a *la bestia*, al ejercitarse en tratarlo como *bestia*, para calmar su consciencia, tiende objetivamente a transformarse él mismo en *bestia*”. Desta forma, agiu o colonizador

europeu, tratando os povos nativos e os escravos como se fossem bestas, ao fazer isso transformaram-se em “bestas”, em seres desumanizados e insensíveis em relação ao outro. Esse tratamento desumanizado era para além do físico, foi estendido também ao imaginário dos nativos e dos escravos que mesmo depois da independência das colônias e da abolição da escravatura ficaram com a ferida colonial, com o sentimento subalterno como herança dessa colonização de exploração e dominação, é isso que a escola deve tentar desconstruir.

Entendemos que Colonialidade do Poder é uma hierarquia de poderes articulados entre si como uma malha bem tecida e fortalecida pelo racismo, que independentemente da condição de pessoas livres, faz com que estes seres continuem a ser marginalizados pelo pensamento colonizador. Assim, a Colonialidade do Poder articulada com a Colonialidade do saber e do ser continua fazendo com que a América e, sobretudo, o Brasil sigam sob domínio que já não é mais apenas europeu, mas também chinês e norte-americano, por meio do sistema-mundo capitalista. Desse modo, é necessário a valorização dos saberes locais e dos saberes ancestrais indígenas, como menciona Marín (2002, p. 399), “la educación intercultural podría crear una abertura hacia el respeto de la diversidad cultural, contrariamente a cualquier educación etnocêntrica y excluyente”. Sendo assim, o resgate do conhecimento local é um ato de resistência à Colonialidade do Poder.

A língua, para além da geopolítica do conhecimento, é também parte da geopolítica e da corpo-política, pois dita os valores científicos, socioeconômicos e subjetivos, respectivamente. O inglês americano converte-se em uma língua sem fronteiras, uma língua quase universal. De acordo com Mignolo (2003, p. 346), ele “torna-se cada vez mais a língua das transações internacionais e, paradoxalmente, desafia a unidade linguística da comunidade europeia, onde o inglês americano obscurece a herança do inglês como a língua do Império Britânico”.

Em relação à dominação dos Estados Unidos sobre o “resto” do mundo, Césaire (2006, p. 42) afirma que “de la única dominación de la cual ya no se escapa más es de la estadounidense”. Dessa forma, a língua está intrinsecamente ligada à Colonialidade do poder. É por meio da comunicação que o conhecimento é legitimado, as transações comerciais são efetivadas, enfim, as ordens são dadas. O contrário também é verdadeiro, se a língua estiver ligada à Decolonialidade do pensamento. Garcés (2007, p. 227) afirma que “el inglés, el alemán y el francés son las tres lenguas de mayor peso de la alta modernidad, y continúan teniendo su hegemonía como lenguas del conocimiento y la literatura mundial”. O autor ainda afirma que a palavra segue dependente da trilogia colonial “clase, raza, género”.

Dito de outro modo, a palavra e o conhecimento são reconhecidos como científicos, apenas se forem nas línguas da Colonialidade, ao contrário, serão, muitas vezes, considerados cultura folclórica. A

palavra e o conhecimento estavam ligados à trilogia classe, raça e gênero, características constitutivas da malha da Colonialidade do Poder (Quijano, 2007). De acordo com Quijano (2007), a classe está ligada ao eurocentrismo dominante e totalitário, juntamente com a ideia de raça, que foi criada como um conceito político, a partir do pensamento eurocêntrico de totalidade suprema, que reverbera em um mecanismo de dominação do homem branco e europeu. Por isso, essa trilogia formava uma simbiose com as três línguas da modernidade – Inglês, Francês e Alemão, sustentando a Colonialidade do Poder (QUIJANO, 2007).

A matriz colonial de poder de acordo com Mignolo (2010, p. 12) é formada por uma estrutura complexa de cinco níveis que são articulados e entrelaçados entre si. São eles: “Control de la economía, control de la autoridad, control de la naturaleza y de los recursos naturales, control del género y la sexualidad, control de la subjetividad y del conocimiento”. Com esses cinco níveis de controles, a Colonialidade do Poder tem se mantido até a contemporaneidade. Mignolo (2010) ressalta que se o conhecimento é um instrumento imperial de colonização, então se faz urgente trabalhar a Decolonialidade do saber.

De acordo com Quijano (1992, p. 447), para vencer a Colonialidade do Poder, do ser e do saber se faz necessário “en primer término, la descolonización epistemológica para dar paso a una nueva comunicación intercultural, a un intercambio de experiencias y de significaciones, como la base de otra racionalidad [...]”. Ao descolonizar o

conhecimento, surgirão alternativas outras que se oporão ou possibilitarão a emergência dos conhecimentos existentes antes do pensamento universal e homogêneo colonizador, ou mesmo construirão novas epistemologias que fortalecerão as relações interculturais. O conhecimento é um instrumento poderoso para a liberação do poder e do ser, quebrando, assim, as bases da geo-história da Colonialidade.

A Decolonialidade do saber desfaz o elo entre os demais níveis da colonização do poder, podendo reconstruir uma sociedade livre, porque as políticas são construídas epistemologicamente. De acordo com Mignolo (2010, p. 113, grifo do autor), “para que la descolonización se vuelva operativa, será necesario crear alternativas *a la modernidad y a la civilización neoliberal*”. Tais alternativas não são utopias ou fantasias, mas ações concretas, como os movimentos sociais, letramentos sociais que ajudem a construir um pensamento outro que possa representar uma alternativa ao sistema capitalista e político. Para conseguir vencer as barreiras impostas pela colonialidade interna se faz necessário a desobediência epistémica, os questionamentos, como também apresentar alternativas aos questionamentos.

Para a criação de alternativas se faz necessário uma consciência crítica, questionadora e imparcial, pois a Colonialidade do Poder é um projeto político. Portanto, a imparcialidade e a equidade são constitutivas do saber decolonial. As alternativas, quando analisadas do ponto de vista do *status quo* do sistema vigente, parecem

utopias sem sentidos, mas é preciso começar, pois a decolonialidade do poder, do saber e do ser perpassa pelo plano político. Nessa esteira, a decolonialidade é um processo a partir das pequenas ações no cotidiano, para além do espaço do poder político, uma vez que, a democracia é uma conquista diária. Somente com uma democracia livre e descolonizada será possível a liberação do saber e do ser, dos domínios do poder interno e externo.

2 Considerações sobre o Pensamento Transmoderno e a Literatura

A Transmodernidade é um termo criado por Dussel (2001) para explicar o sentido mais além de Modernidade, porque para o autor, a Modernidade é um mito, pois foi um evento de destruição do conhecimento e até mesmo da existência do outro. O sentido de Transmodernidade é amplo, sugerindo uma modernidade inclusiva, a partir do reconhecimento do Outro com toda sua complexidade, seus saberes e poderes políticos. Dessa forma, a Transmodernidade é uma alternativa que concebe o desenvolvimento socioeconômico e tecnológico em harmonia com a natureza. É o ser humano e a natureza em pleno desenvolvimento sem a exploração e a dominação. É um diálogo horizontal.

Para Grosfoguel (2006, p. 164), “la transmodernidad sería la concreción de un proyecto político de universalismo concreto [...]. En lugar de una sola modernidad centrada en Europa/Europa-América e impuesta como proyecto global al resto del mundo [...]”. Nesse

sentido, a Transmodernidade representa um pensamento decolonial contra a Colonialidade do Poder e suas articulações. Ainda de acordo com Grosfoguel (2006), a Transmodernidade é um projeto utópico descolonizador desenvolvido por Dussel (2001), tendo como proposta criativa a promoção de respostas ético-epistémicas por meio dos projetos locais em diálogo com as outras culturas.

Nesse sentido, o pensamento decolonial favoreceu novos entendimentos sobre as leituras relacionadas ao processo de escravidão, tanto dos negros africanos como dos indígenas americanos. Esse pensamento também propiciou novos modos de compreensão sobre a exploração econômica, a política, a educação, a constituição familiar e sobre a mulher, não apenas por meio dos registros históricos, mas também através das leituras literárias. De acordo com Kellner (2001, p. 38), “as teorias têm componentes literários; contam histórias, utilizam a retórica e os símbolos, e, assim como os textos literários, ajudam a explicar nossa vida”. Assim, a teoria do pensamento decolonial abre novos horizontes para se analisar a literatura e temas como, gênero, patriarcalismo, feminismo, infância, constituição familiar, política, economia, educação, possibilitando novas formas de se posicionar a respeito de questões sociais, que visem, por exemplo, a equidade.

Ainda de acordo com Grosfoguel (2006, p. 168), “la solución a las desigualdades globales requiere imaginar alternativas utópicas descolonizadoras globales más allá del colonialismo y el nacionalismo, [...] de los fundamentalismos eurocéntricos

primermundistas y tercermundistas”. É preciso um diálogo horizontal, considerando a diversidade e mantendo a ética-epistemológica. A Decolonialidade é um processo que ocorre a partir das pequenas ações no cotidiano, não pode ser realizada somente no âmbito e espaço do poder político. A democracia decolonizada é uma conquista diária.

Nessa esteira, o letramento político possui importância ao representar uma forma de desarticular os eixos da Colonialidade do Poder, sobretudo, o poder político, pois é a política que sustenta e mantém a estrutura do sistema-mundo capitalista. Nesse sentido, o letramento político, por meio da literatura, configura uma alternativa à Colonialidade do Poder porque será uma forma de construir um pensamento crítico. Entendemos que a Decolonialidade do pensamento não se reduz à esfera política, mas à Decolonialidade do imaginário de uma forma geral, conforme afirma Grosfoguel (2006, p. 158) “no podemos pensar la descolonización en términos exclusivamente de la conquista del poder jurídico-político del Estado-nación, esto es, por medio del control del Estado”.

Dessa forma, o letramento político por meio da literatura abarcará também as demais temáticas sociais como, a divisão de classes, de modo que a Decolonialidade do pensamento seja heterogênea para a desarticulação dos eixos da Colonialidade do Poder. Assim, a literatura acompanha a história, seus movimentos e mudanças, se adequando, se opondo ou questionando, tendo em vista a verossimilhança que tem como limite a

capacidade de imaginar um tempo, de imaginar uma realidade. Desde seu nascimento a literatura tem se metamorfoseado em diversos momentos da história, acompanhando cada sociedade uma vez que o ser humano tem em sua complexidade existencial, o onírico e o científico, como partes constitutivas entranhadas no seu ser.

A leitura literária implica diretamente no íntimo da complexidade da humanidade que poderá ser fantasiosa ou exata, proporcionando as reflexões sobre os diversos temas com os quais a narrativa se refere, pelos modos como cada leitor se apropria dela e de seus temas. De acordo com Sartre (2004, p. 204) “a literatura é por essência tomada de posição”, pois não é possível continuar igual depois de ler um texto literário. Desse modo, a literatura deve ser utilizada não apenas para a fruição, como também para nos ajudar a compreender as complexidades que permeiam a vivência humana.

Sendo assim, o pensamento decolonial reverbera em diversas formas de agir na sociedade, como na literatura, por exemplo, fortalecendo a construção da identidade do ser/leitor e mantendo viva a memória de um povo. Representa também um contraponto à ideia totalitária de ciência, é, portanto, “um outro paradigma que se constrói sobre conhecimentos e epistemologias que foram negadas e subordinadas pela Teologia, pela Filosofia e pela Ciência” (Mignolo, 2004, p. 697).

3 Considerações sobre a obra de Carolina Maria de Jesus — Quanto de Despejo: diário de uma favelada.

O livro Quarto de Despejo: diário de uma favelada, é um romance neorrealista e foi escrito por uma mulher que viveu e experienciou o cotidiano em uma “favela”. Atualmente a denominação é Comunidade. A autora morava na favela do Canindé em São Paulo, na década de 50. Essa obra é autobiográfica e trata sobre vários temas sociais tais como: desigualdade de gêneros, má distribuição de renda, desigualdade social, política, denúncia contra a ineficiência dos órgãos públicos, a importância do saber ler e escrever, a importância da leitura literária e da poesia, a importância de ter uma consciência crítica como enfrentamento contra a colonialidade do poder, pensamento coletivo, violência doméstica, sobretudo, contra a mulher, discriminação racial e empreendedorismo.

Na obra, o personagem mais presente era a fome. Carolina está sempre mencionando a falta de alimento para os filhos e para ela como também para as pessoas da comunidade. Em dado momento menciona: “e assim no dia 13 de maio de 1958 eu lutava contra a escravatura atual — a fome” (Jesus, 2014, p. 32). Em outro momento ela menciona:

a tontura da fome é pior do que a do álcool. A tontura do álcool nos impele a cantar. Mas a da fome nos faz tremer. Percebi que é horrível ter só ar dentro do estômago que efeito surpreendente faz a comida no nosso organismo! Eu que antes de comer via o céu, as árvores, as aves tudo amarelo, depois que comi, tudo normalizou-se aos meus olhos. A comida no estômago é como

combustível nas máquinas” (Jesus, 2014, p.44).

É relevante mencionar que a leitura dessa obra é fundamental para fomentar uma visão crítica embasada na decolonização do pensamento, como também, é uma leitura para fruição e entretenimento, uma vez que a autora era uma mulher com senso de humor e conhecimentos poéticos conforme segue:

toquei o carrinho e fui buscar mais papeis. A Vera ia sorrindo. E eu pensei no Casemiro de Abreu, que disse: ‘Ri criança. A vida é bela’. Só se a vida era boa naquele tempo. Porque agora a época está apropriada para dizer: Chora criança. A vida é amarga (Jesus, 2014, p. 35).

É uma leitura atemporal, pois os problemas vividos por Carolina ainda são bem atuais. Por exemplo, a dificuldade que uma mulher mãe solo e negra tem para criar seus filhos, uma vez que a sociedade brasileira continua sendo monopolizada por um grupo que visa a manutenção do poder para interesses próprios, a exclusão social ainda existe. O preconceito racial mesmo que encoberto pelo mito da democracia e do politicamente correto ainda é uma realidade cruel que muitas pessoas que moram nas Comunidades e periferias vivenciam. Nesse sentido, a leitura dessa obra é um modo de fomentar leituras críticas que proporcionam novas reflexões sobre formas de pensar que influenciam novos modos de agir na sociedade.

Carolina Maria de Jesus ao escrever seu diário demonstrou com clareza a dura realidade por ela vivida, mas também, revelou

seu desejo de interagir na sociedade, sua vontade de aprender e de ser uma pessoa autoônoma. Ela não se deixava intimidar pelas situações e nem pelo desejo de dominação que as pessoas demonstravam. Ela tinha uma consciência crítica. Gostava de ouvir rádio para se manter informada e também por diversão: “às vezes eu ligo o rádio e danço com as crianças, simulamos uma luta de boxe” (Jesus, 2014, p. 20). O rádio também era para ouvir o drama: “liguei o rádio para ouvir o drama”. (Jesus, 2014, p. 25).

Um dos destaques de sua obra, como dispositivo contra o colonialismo do pensamento é quando ela diz para as pessoas que a incomodavam que se elas não a deixassem em paz escreveria os nomes delas no caderno diário “vou escrever um livro referente à favela. Hei de citar tudo que aqui se passa. E tudo que vocês me fazem” (Jesus, 2014, p. 20). Como as pessoas tinham medo de ver seus nomes escritos no caderno a deixam em paz, conforme Carolina afirma: “ as rascoas da favela estão vendo eu escrever e sabe que é contra elas. Resolveram me deixar em paz” (Jesus, 2014, p. 21). Isso demonstra que as pessoas que não são alfabetizadas são fáceis de serem intimidadas, manipuladas e silenciadas.

A partir da obra é possível observar que a autora apresenta uma consciência crítica e, apesar da carência da norma culta, era alfabetizada, pois sabia ler e escrever, era uma “porta-voz” das pessoas que moravam na favela. Ela separava briga, chamava a patrulha, tinha uma atitude empática frente às necessidades das demais pessoas: “aqui na favela quase todos lutam com dificuldades para

viver. Mas quem manifesta o que sofre é só eu. E faço isto em prol dos outros” (Jesus, 2014, p. 36).

Ela fazia da leitura um ideal, para ela, era mais que informação, era um momento de fruição e descanso, conforme segue: “todos tem um ideal. O meu é gostar de ler”(Jesus, 2014, p. 26). Outro dia ela lia para outras pessoas: “hoje estou lendo. E li o crime do Deputado do Recife, Nei Maranhão. (...) li o jornal para as mulheres da favela ouvir”. (Jesus, 2014, p. 60). Carolina, era uma leitora “nômade”, pois gostava de ler variedades de textos. Lia para as pessoas e para ela. Na mesma esteira é relevante transcrever mais este parágrafo: “eu prefiro empregar meu dinheiro em livros do que no álcool. Se você achar que eu estou agindo acertadamente, peço-te par dizer: —Muito bem, Carolina!” (Jesus, 2014, p. 74). Certamente, Carolina estava certa em ser leitora, pois uma pessoa leitora transforma o próprio mundo como também influencia o mundo das outras pessoas.

Ao ter um pensamento crítico ela fazia análise sobre a política: “de quatro em quatro anos muda-se os políticos e não soluciona a fome, que tem a sua matriz nas favelas e as sucursais nos lares dos operários” (Jesus, 2014, p. 40). Ainda tratando sobre a questão da política e dos políticos ela afirmou: “os políticos só aparece aqui no quarto de despejo, nas épocas eleitorais” (Jesus, 2014, p. 45). Importa ressaltar que a obra tem uma leitura envolvente, pois é uma escrita autêntica mesclada com a realidade. Uma realidade que apesar de ser dura, tem para além dessas dores

um pouco de literatura e poesia. A autora tinha uma visão crítica, positiva e não se deixou sucumbir pelas adversidades, antes lutou como uma Mulher. Buscou formas de vencer a fome, a pobreza e a falta de conhecimento crítico das pessoas.

4 Considerações finais

Neste trabalho, apresentamos algumas reflexões sobre o Colonialismo do Poder, o pensamento decolonial, a literatura e suas implicações para a construção da identidade. Para tanto, mostramos que a Decolonialidade do poder, do ser e do saber reflete nas práticas sociais cotidianas, influenciando os modos de comportamentos dos sujeitos. Além disso, para exemplificar formas de manifestação do Colonialismo e, paralelamente, demonstrar o pensamento decolonial, discorreremos a respeito da obra Quarto de despejo.

Com os pressupostos teóricos do pensamento decolonial, chamamos a atenção para os mecanismos de poder, que reverberam nas formas de se construir o pensamento social, político e econômico, produzindo discursos unilaterais em massa, que sustentam diversas formas de subalternação. Destacamos a importância de se valorizar o pensamento decolonial, seja em questões econômicas ou literárias, pois a literatura constitui parte das práticas sociais para as reflexões sobre a humanidade e os seus modos de (com)viver com o outro.

Sendo assim, propomos pensar a superação da contradição opressores-oprimidos para se alcançar a libertação. Tal

libertação é atravessada pela descolonização do pensamento que pode ser alcançada a partir de práticas equânimes. Destacamos que o pensamento decolonial desmistifica verdades únicas e centrais, sobretudo no que se referem às políticas de desenvolvimento econômico. Desconstruir a colonialidade moderna se faz urgente. Dessa forma, o pensamento decolonial torna-se uma alternativa contra a sociedade que desvaloriza determinadas condições de gênero, de classes e etnias. Como a mulher negra apresentada a partir da obra *Quarto de Despejo*.

Referências

CÉSAIRE, Aimé. *Discurso sobre el colonialismo* (fragmentos). Latinoamérica: cuadernos de cultura latinoamericana 54. Madrid: Universidad Nacional Autónoma de México, Unión de Universidades de América Latina, 2006.

DUSSEL, Enrique. *1492 el encubrimiento del Otro: Hacia el origen del "mito de la Modernidad"*. La Paz: Editores Plural, 1994.

DUSSEL, Enrique. *Hacia una filosofía política crítica*. Bilbao: Desclée de Brower, 2001.

GARCÉS, Fernando. Las políticas del conocimiento y la colonialidad lingüística y epistémica. In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSFUGUEL, Ramón (Comp.). *El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*. Bogotá: Siglo del Hombre Editores, 2007.

GROSFUGUEL, Ramón. Actualidad del pensamiento de Césaire: redefinición del sistema-mundo y producción de utopía desde la diferencia colonial. In: CÉSAIRE, Aimé. *Discurso sobre el colonialismo*(fragmentos).

Madrid: Universidad Nacional Autónoma de México, 2006.

GROSFUGUEL, Ramón. Descolonizando los universalismos occidentales: El pluriversalismo transmoderno decolonial desde Aimé Césaire hasta los zapatistas. In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSFUGUEL, Ramón (Comp.). *El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*. Bogotá: Siglo del Hombre Editores, 2007.

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. Ed. 10. São Paulo: Ática, 2014.

KELLNER, Douglas. *A cultura da mídia - estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno*. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

MIGNOLO, Walter D. *Histórias locais/Projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

MIGNOLO, Walter D. Os esplendores e as misérias da "ciência": colonialidade, geopolítica do conhecimento e pluriversalidade epistémica. In: SANTOS, Boaventura de Sousa. *Conhecimento prudente para uma vida decente: um discurso sobre as ciências revisitado*. (org.). São Paulo: Cortez, 2004.

MIGNOLO, Walter D. *Desobediência epistémica: Retórica de la modernidad, lógica de la colonialidad y gramática de la descolonialidad*. Buenos Aires: Ediciones del signo, 2010.

MIGNOLO, Walter D. La descolonialidad del vivir y pensar: desprendimiento, reconstitución epistemológica y horizonte histórico de sentido. In: QUIJANO, Aníbal. *Ensayos en torno a la colonialidad del poder*.

Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Del Signo, 2019.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad y modernidad-racionalidad *In: Los conquistados. 1492 y la población indígena de las Américas*. Bogotá: Tercer Mundo-Libri Mundi, 1992.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del Poder y Clasificación Social. *In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSFOGUEL, Ramón (Comp.). El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*. Bogotá: Siglo del Hombre Editores, 2007.

SARTRE, Jean-Paul. *Que é a literatura?* São Paulo: Editora Ática, 2004.